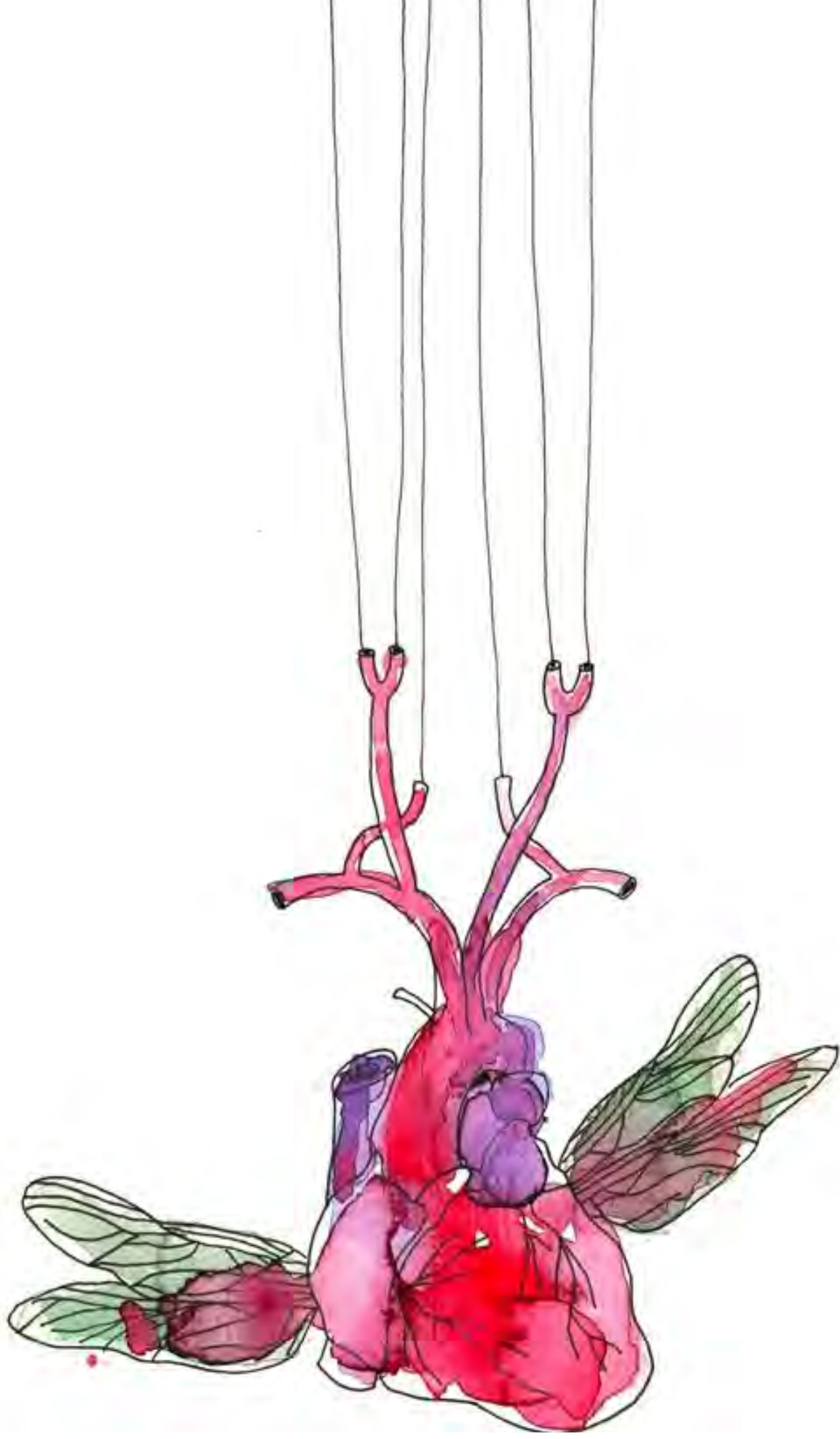
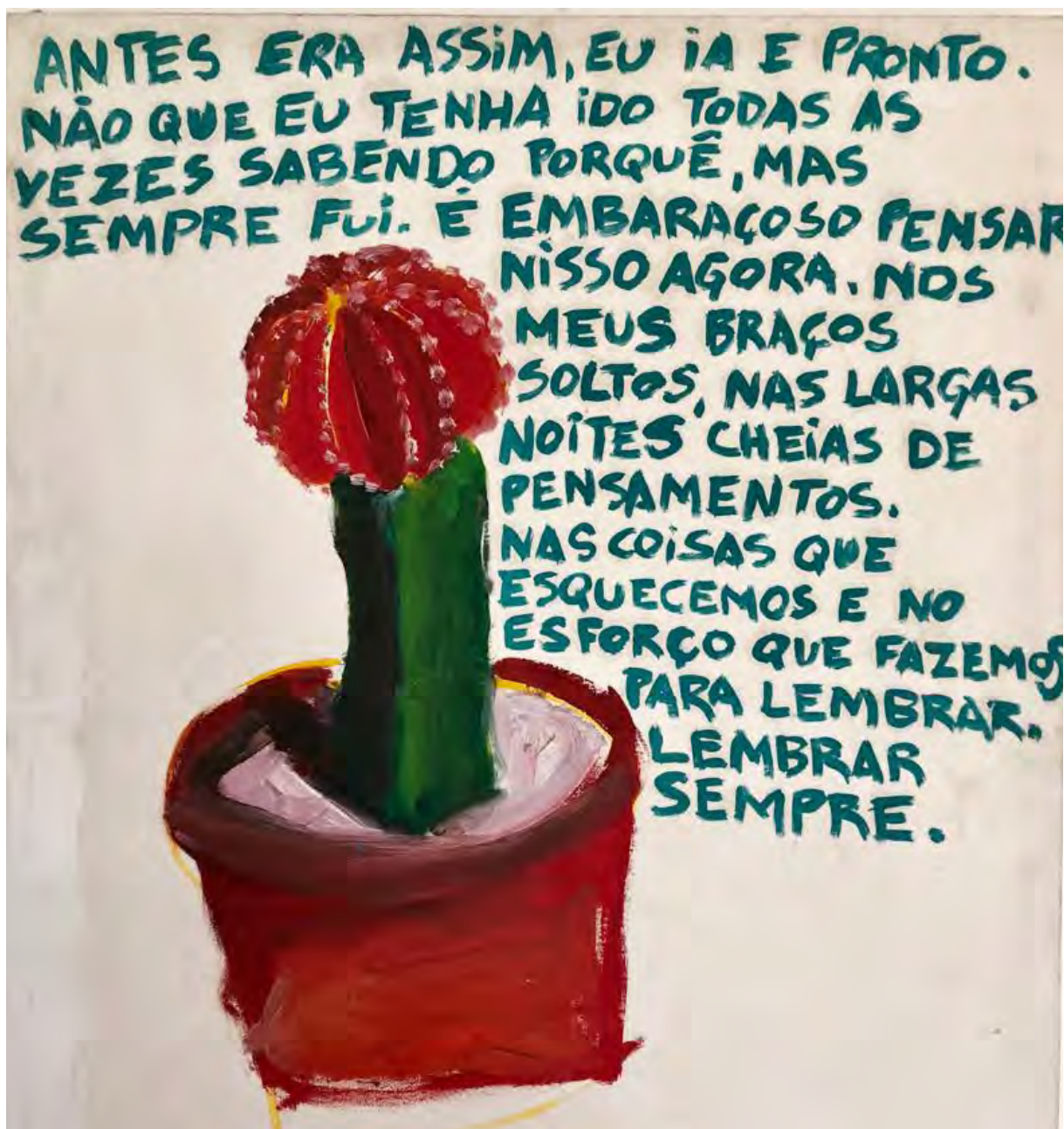


# [Índice das ilustrações]





Atualmente, quando falo sobre meu trabalho, me apresento como pintora. Apesar de ter no meu percurso artístico profissional trabalhos de performance, fotografia e instalações nos quais pude explorar, além das imagens pintadas, os sons e os gestos (1998, *Mulher Invisível*, 12 cadernos, *Medusa*, *Olhos bem Abertos*, *Máquina do Tempo*, *Capítulo 3* etc.), é na pintura que sinto a presença da minha verdadeira voz.

Minha formação profissional aconteceu na universidade, graduei-me em Educação Artística no fim da década de 1990 e logo fui para a Espanha realizar um doutorado no departamento de Pintura da Universidad Politécnica de Valencia. Saí do curso como pintora



e, apesar de não ter encontrado nenhum mestre específico nessa área nos anos iniciais de minha formação, a força gravitacional da pintura sempre foi a mais forte entre todas as práticas possíveis de arte.

A problematização do corpo é um elemento presente em todo o meu trabalho, seja ele em performance, seja em texto, seja em pintura. Durante os anos em que atuei mais intensamente com as performances, eu pude entender melhor a relação que já estabelecia na pintura entre autorreferência e autoimagem. O meu corpo fazia-se presente em todas essas abordagens e linguagens. Eu, como artista e como mulher, habitava as minhas obras na forma de imagens, na forma de conceito e de reflexão. As conexões entre ser mulher e ser humano e essa experiência a partir do feminino em nossa sociedade podem resumir grande parte de meu trabalho.

Nas pinturas mais antigas, eu comecei a destrinchar as relações entre texto e imagem. Na série *Meninos* (1998 a 1999), eu começo tateando as ligações entre imagem, texto e autobiografia; nessas dez telas, eu pintei retratos dos homens que, então, faziam parte de minha vida (meu pai, meus irmãos e meus amigos) e, em cada pintura, agregava uma frase que tinha relação direta comigo, e não com o modelo. Nesse trabalho já me apresento de forma invisível, são autorretratos indiretos. Em *Flores* (2000), coletânea seguinte, eu uso o mesmo recurso de me mostrar pelas beiradas. Nessas telas, eu apresento reflexões textuais



muito pessoais, já mais complexas, que contam algo a mais sobre mim e daquele momento presente junto com imagens de flores pintadas. Em um dos textos deixo explicada essa relação entre texto, imagem e artista: "...todas as flores sou eu, colorida e pronta para dizer somente sim sim sim".

A partir daí, quando retomo a prática pictórica de forma sistemática, a partir de 2014, mais seriamente e com muito investimento poético, os trabalhos giram em torno de autorretratos. *Duas Pridas, Como Vênus, Nana, Atenção Plena e Árvore da Vida* são exemplos desses trabalhos nos quais o texto nem sempre está presente, mas meu corpo e minha imagem começam a problematizar as transformações do tempo, internas e externas, na artista que se pinta.

Na última série completa de pinturas, *Ode* (2016 a 2017), faço com as obras o que fiz na coleção *12 cadernos* (2011 a 2013, trabalho de áudioinstalação e texto), ou seja, abro meus diários íntimos ao observador. Porém, em *Ode*, eu uso o texto do poeta inglês John Keats (1795-1821) *Ode to a Nightingale* como ponto de partida para a minha intimidade. As pinturas não são ilustrações da poesia, e sim o contrário, são os fragmentos retirados do poema que, de certa forma, dão título às imagens que construo a partir de minha experiência existencial.

Juiz de Fora, 26 de março de 2018.

Imagens:

Flores (2000). Óleo sobre tela, 100 x 80 cm.

Árvore da vida (2015). Óleo sobre tela. 140 x 100 cm.

Do I wake or sleep? (2016). Óleo sobre tela 170 x 120 cm.

[www.priscilladepaula.com.br](http://www.priscilladepaula.com.br)

Instagram @pridadepaula

[pridadepaula@gmail.com](mailto:pridadepaula@gmail.com)





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
ESTUDOS E PESQUISAS EM MODA